

JOANITA GONÇALVES MACEDO

**ASPECTOS NARRATIVOS DO CONTO
“D. BENEDITA-UM RETRATO”, DE MACHADO DE
ASSIS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
SÃO PAULO – SP
2008**

JOANITA GONÇALVES MACEDO

**ASPECTOS NARRATIVOS DO CONTO
“D. BENEDITA-UM RETRATO”, DE MACHADO DE
ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos.

Orientadora: Dra. Maria Carolina Godoy Nogueira.

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
SÃO PAULO – SP
2008**

Dedico

a minha família, pela paciência e compreensão
durante minhas ausências.

AGRADECIMENTOS

À Dra. Maria Carolina Godoy Nogueira, orientadora no Curso de Pós-Graduação, apresento sinceros agradecimentos pelos importantes conhecimentos transmitidos.

Não basta ver uma mulher para a conhecer, é preciso ouvi-la também; ainda que muitas vezes basta ouvi-la para não a conhecer jamais. (MAGALHÃES JR., apud ASSIS, 1956, p. 42).

RESUMO

A intenção deste trabalho é mostrar como em muitos contos de Machado de Assis, sobretudo os publicados em "Papéis Avulsos" (1882), se condensam algumas particularidades de estilo e do modo de ver a sociedade brasileira, sobretudo a mulher, no Rio de Janeiro dos meados do século XIX. A escolha do conto "D. Benedita" apóia-se no consenso de que, na galeria de mulheres que o contista colocou nos seus escritos, entre elas a mais que célebre e controversa Capitu, heroína do romance "D. Casmurro", "D. Benedita" ocupa lugar excepcional e traz com abundância as garras de Machado quando se tratava de escrever com as tintas da ironia e do humor. O objetivo é mostrar como neste perfil feminino, filtrado pela escolha e visão particular de Machado, "a veleidade" pode ser vista, de mãos dadas com a heroína, como uma das personagens do conto. E aparece trajada de ironia e humor que perpassam o conto a todo o instante. "D. Benedita", uma das mais longas histórias curtas de Machado, tanto que foi publicada em várias datas na revista "A Estação", em 1882, é um corte fino e hábil em um momento da vida social no Rio de Janeiro, e expõe as possibilidades de ser, existir e escolher de uma mulher da classe média, sob o signo da veleidade. Temos como palavras-chave: Tempo e contos machadianos. Particularidades da vida de uma mulher no século XIX, na visão de um contista. Ironia. Humor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 ASPECTOS DE CONTEÚDO E SENTIDO DO TEXTO.....	10
1.1 A elaboração literária de D. Benedita.....	10
1.2 O enredo do Conto D. Benedita.....	12
2 ANÁLISE DA NARRATIVA.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

INTRODUÇÃO

“Há uma espécie de acordo no datar o conto brasileiro como tendo início em 1841. Edgard Cavalheiro diz que Norberto de Sousa e Silva “pode ser considerado o pai do conto brasileiro. O trabalho que lhe garante esse título apareceu em 1841, num folheto de 30 e poucas páginas. Intitulava-se *As Duas Órfãs (...)*. (Barbosa Lima Sobrinho-Panorama do Conto Brasileiro- Os Precursores, 1960, p. 10).

No entanto, a afirmação mais comum, deixando de lado a questão de datas, não tão importante, é que o conto brasileiro, quando se torna literário, começa com Machado de Assis, se se atenta para um mínimo de qualidade de estilo e normas de literatura.

Machado de Assis tem obra vasta e variada, pois começou cedo e viveu seus quase setenta anos, mais de cinqüenta deles produzindo literatura. Seu primeiro texto foi em versos, como sucedia com a maior parte dos escritores no século XIX. Assim, em 1855 saiu na revista *Marmota Fluminense* o seu primeiro poema, *Ela*. Tinha quinze anos.

Nascido em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, mulato cujo bisavô pelo lado paterno tinha sido escravo, Machado de Assis, nos seus romances e contos, vai tratar de preferência de gente da classe média ou abastada, muitas vezes mulheres.

Os personagens que ele criou confirmam a ascensão social de Machado, pois, até pelo fato de ser o seu criador, o autor convive com eles. E é fato inegável que, como falou certa vez Joaquim Nabuco, homem bem-nascido e escritor de estilo impecável, que o romancista de *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi um homem que se construiu a si mesmo. Nessa construção, como homem e como escritor, os

contos aparecem na feição mais característica de Machado de Assis e, como afirma a maior parte dos críticos, a mais bem realizada, entre um número de obras em que se enumeram produções extraordinárias como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1899), romances.

“D. Benedita” da coletânea *Papéis Avulsos*, é um dos contos mais longo de de Machado e sempre citado como um dos melhores do escritor.

1. ASPECTOS DE CONTEÚDO E SENTIDO DO TEXTO

1.1 A elaboração literária de “D. Benedita”

D. Benedita encarna a Veleidade. Machado, saído da classe baixa e amulatada do Rio de Janeiro, em que mais da metade da população era de negros e pardos, conta a respeito da heroína e se diverte ao ver o quanto apronta a condição humana, em todas as camadas sociais.

E se diverte também com uma idéia brincalhona sobre o conto:

Há sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres. É serem curtos. (MAGALHÃES JR., apud ASSIS, 1956, p. 10).

É confiado nessa “crença” que criou, como conto, este “D. Benedita- Um retrato”. Machado, logo de início, introduz a ambigüidade sobre D. Benedita num quesito essencial: a idade:

A coisa mais árdua do mundo, depois do ofício de governar, seria dizer a idade exata de D. Benedita. Uns davam-lhe quarenta anos, outros quarenta e cinco, alguns trinta e seis. Um corretor de fundos descia aos vinte e nove; mas esta opinião, eivada de intenções ocultas, carecia daquele cunho de sinceridade que todos gostamos de achar nos conceitos humanos. Nem eu a cito, senão para dizer, desde logo, que D. Benedita foi sempre um padrão de bons costumes (ASSIS, 1994, p. 80).

E também nas suas feições:

A astúcia do corretor não fez mais do que indigná-la, embora momentaneamente: digo momentaneamente. Quanto às outras conjeturas, oscilando entre trinta e seis e os quarenta e cinco, não desdiziam das feições de D. Benedita, que eram maduramente graves e juvenilmente graciosas. (...) (ASSIS, 1994, p.80).

Observamos: indignação momentânea é algo passageiro, que só marca levemente. Machado, repetindo o advérbio “momentaneamente” reforça a idéia de que a indignação de um momento acabou em outro momento; foi apenas veleidade; em outra passagem, quando fala de feições “maduramente graves e juvenilmente graciosas”, mostra como é ambígua a aparência de D. Benedita.

Vale lembrar aqui a observação a respeito de como Machado ironiza por inteiro essa senhora que ele retrata a partir da data de seu aniversário, hora feliz e apta a comemoração e júbilo:

O nome da personagem é rico em significados. Ela é a *benedicta* (do latim *benedictu*), ou seja, a abençoada, a bondosa, a feliz, a ditosa, conotações irônicas para uma senhora abandonada pelo marido e vinculada à Veleidade, isto é, à vontade imperfeita, hesitante, repleta de intenções e pretensões passageiras e inconstantes (D'Ambrosio, 1990, p.121).

No entanto, a revelação, no segundo parágrafo do conto, de que “Dona Benedita fez quarenta e dois anos no domingo, dezenove de setembro de 1869”, nos dá a certeza de que para os padrões do século XIX a heroína já carrega um certo peso de anos. O contista, a seu modo e prazer, ironiza com a idade da heroína e com sua aparência exemplarmente ambígua.

Mestre em criar situações ambíguas, não-resolvidas ou difíceis de serem resolvidas, como na história de Bentinho e Capitu (traiu ou não?), Machado inicia seu conto manejando com maestria esse instrumento que nele se tornou marca de estilo e que tem levado alguns estudiosos a examiná-lo sob este ângulo, como o fez Tânia Winch Lisboa, com seu artigo “D. Benedita”: a veleidade como possibilidade da condição feminina”, publicado na revista *Signo*, de Santa Cruz do Sul, em 2008.

Creio que é válido, nos firmarmos na mesma fonte de Tânia Winch, citando Gai:

De um modo geral, as mulheres dos textos machadianos se definem pela ilogicidade, mistério, graça, beleza, puerilidade. Como os narradores são todos do sexo masculino, os retratos que nos apresentam possuem os contornos que eles lhes dão; elas surgem como que filtradas pela mente masculina. Cada narrador é um investigador da alma feminina, mas ele só pode mostrá-la conforme parece ser. As mulheres só se revelam através do olhar do outro, por isso predominam o mistério e a ambigüidade (GAI, 1997. p. 171).

Ambigüidade ou mesmo superstição, a respeito da qual Machado, observador atento ao que se passa em todo o canto do Brasil, registra em uma de suas crônicas:

Melhor notícia do que essa é a de ter sido aprovada, na Bahia, uma senhora que fez exame de dentista. Registro o acontecimento, com o mesmo prazer com que tomo nota de outros análogos; vai-se acabando a tradição que excluía o belo sexo do exercício de funções até agora unicamente masculinas. É um traço característico do século: a mulher está perdendo a superstição do homem (MAGALHÃES JR., apud ASSIS, 1956, p. 138).

1.2 O enredo do conto “D. Benedita”

“D. Benedita” é dividido em quatro partes.

Queremos nos estender sobre a primeira, suficiente para o nosso comentário sobre o tópico mais importante do conto, a veleidade.

Ela fez, como já citou Machado, quarenta e dois anos.

O momento é de um jantar:

A alegria dos convivas, a excelência do jantar, certas negociações matrimoniais incumbidas ao cônego Roxo, aqui presente, e das quais se falará mais abaixo, as boas qualidades da dona da casa, tudo isso dá à festa um caráter íntimo e feliz (...) (Assis, 1994, p.80).

Venhamos, porém, aos demais convivas, que estão parados, conversando; reina o burburinho próprio dos estômagos meio regalados, o riso da natureza que caminha para a repleção; é um instante de repouso (ASSIS, 1994, p. 81).

Nessas poucas amostras do texto machadiano aparecem as qualidades do contista que o distinguiram dos autores de seu tempo e que na visão da literatura de hoje o tornam um clássico, modelo de linguagem e correção.

Daí a observação do crítico português Eugênio Gomes:

Machado de Assis, desde as suas primícias literárias, distinguiu-se por um conjunto de qualidades: concisão de pensamento, sutileza de idéias e sobriedade de estilo, que o habilitavam a exercer perfeitamente a engenhosa arte do conto. (GOMES, 1981, p.7).

Eugênio Gomes destaca, em sua análise, a moralidade que se encontra em muitos finais dos contos de Machado, mesmo que não explicita, como acontece na produção publicada na década de 1880, quando ela está presente apenas “insinuando-se quase sempre por meio de uma imagem metafórica, que transforma a pessoa do conto em um símbolo. Acha-se neste caso o conto “D. Benedita”, onde essa dama simboliza a Veleidade.” (mesma obra e autor, (p. 17)).

A respeito do fato de D. Benedita ter o marido ausente já há dois anos: há esta observação lapidarmente irônica: Bebamos a alguém que está longe, muito longe, no espaço, mas perto, muito perto do coração de sua digna esposa: - bebamos ao ilustre desembargador Proença (ASSIS, 1994, p.81).

E, após o brinde feito por Leandrinho, pretendente a noivo de Eulália, filha, ter deixado “rebentarem-lhe as lágrimas” e se retirado da sala, vem com este fino diálogo sobre a heroína que o crítico Eugênio Gomes analisa como símbolo da Veleidade:

Leandrinho acudiu dizendo que sabia da tristeza dela, mas estava longe de supor que o seu brinde tivesse tão mau efeito:
- Pois era a coisa mais natural, explicou o sujeito, porque ela morre pelo marido.

- O cônego, acudiu Leandrinho, disse-me que ele foi para o Pará há uns dois anos.
- Dois anos e meio; foi nomeado desembargador pelo ministério Zacarias. Ele queria a Relação de São Paulo ou da Bahia, mas não pôde ser e aceitou a do Pará.
- Não voltou mais?
- Não voltou.
- D. Benedita naturalmente tem medo de embarcar...
- Creio que não. Já foi uma vez à Europa. Se bem me lembro, ela ficou para arranjar alguns negócios de família, mas foi ficando, ficando, e agora...
- Mas era muito melhor ter ido em vez de padecer assim... (...) (ASSIS, 1994, p. 82).

Machado trabalha com incertezas. - afirmando muito pouco, jogando dúvidas.

O cônego, segundo Leandrinho, disse que o marido foi para o Pará há uns dois anos, o que se corrige em seguida com a afirmação de que foi há dois anos e meio... Sobre se ela tem medo de embarcar, não se afirma que tem, mas a resposta é "Creio que não", portanto não existe uma certeza.

"D. Benedita", um dos contos antológicos inseridos em *Papéis Avulsos*, é obra da maturidade do autor. Notamos o uso exato do adjetivo, e que eles não são em grande número; muitas vezes o verbo sozinho expõe a idéia, como se pode verificar no transcorrer todo da história.

Assim, vemos a concisão e a economia para expor uma situação ou um diálogo:

- Conhece o marido?
- Conheço; um homem muito distinto, e ainda moço, forte; não terá mais de quarenta e cinco anos. Alto, barbado, bonito. Aqui há tempos disse-se que ele não teimava com a mulher, porque estava lá de amores com uma viúva.
- Ah!
- E houve até quem viesse contá-lo a ela mesma. Imagine como a pobre senhora ficou! Chorou uma noite inteira, no dia seguinte não quis almoçar, e deu todas as ordens para seguir no primeiro vapor.
- Mas não foi?-
- Não foi, desfez a viagem daí a três dias (ASSIS, 1994, p. 82).

Sóbria e sarcástica, maneirosa e ferina são os adjetivos que se podem aplicar à prosa dos contos de Machado de Assis, na fase em que escreveu "D. Benedita". O exame dos seus contos- escreveu por volta de duas centenas deles- é um dos mais eficientes caminhos para entender a formação desse escritor, que estréia em pleno Romantismo (a pieguice e o sentimentalismo em boa parte dos poetas e romancistas do Romantismo tinham no adjetivo um dos mais usados instrumentos para despertar a emoção).

Após o casamento da filha, a morte do marido desembargador no Pará e o cortejo que lhe fez um negociante viúvo, D. Benedita chegou a pensar em casamento:

o casamento seria uma consolação, uma companhia. E consigo, na rua ou em casa, nas horas disponíveis, aprimorava o plano com todos os floreios da imaginação vivaz e súbita; era uma vida nova, pois desde muito, antes mesmo da morte do marido, pode-se dizer que era viúva (...).

Não casou. (A idéia de viajar tornou a rutilar-lhe na mente, mas como um fósforo, que se apaga logo. Viajar sozinha era cansar e aborrecer-se ao mesmo tempo, achou melhor ficar (ASSIS, 1994, p. 97).

Paralela à moralidade já apontada nestas observações sobre "D. Benedita", e presente em muitos outros textos de Machado, tanto que, assinalam os críticos, é uma de suas constantes, deparamos também com a questão do didatismo, muito explícito no final desse conto.

Nas pegadas do doutorando Jaison Luís Crestani, da UNESP, a exposição declarada da veleidade da protagonista por meio da representação da figura fantástica da fada evidencia uma:

Concessão excessiva ao leitor, atípica no melhor Machado, e que se explicaria talvez pela data da publicação do conto, em que o escritor não estaria tão hábil na exploração de suas alegorias: MARETTI, Maria Lídia L. Isto Acaba! (Uma leitura do Conto "D. Benedita: Um retrato de Machado de Assis) Cit. p.128).

Há os que põem reparo a essa observação, mas ela serve para nos mostrar como a leitura de Machado, em muitas de suas passagens, oferece vários rostos

para decifrar...

Fechando essas breves observações sobre “D. Benedita”, citamos o final comentado por L. Maretti, no qual a própria Veleidade resolve aparecer no conto:

-Casarei? Não casarei?

Uma noite, volvendo D. Benedita este problema, à janela da casa de Botafogo, para onde se mudara desde alguns meses, viu um singular espetáculo. Primeiramente uma claridade opaca, espécie de luz coada por um vidro fosco, vestia o espaço da enseada, fronteiro à janela. Nesse quadro apareceu uma figura vaga e transparente, trajada de névoa, tocada de reflexos, sem contornos definidos, porque morriam todos no ar. A figura veio até ao peitoril da janela de D. Benedita; e de um gesto sonolento, com uma voz de criança, disse-lhe estas palavras sem sentido:

- Casa...não casarás... se casas... casarás... não casarás... e casas.... casando...

D. Benedita ficou aterrada, sem poder mexer-se; mas ainda teve a força de perguntar à figura quem era. A figura achou um princípio de riso, mas perdeu-o logo; depois respondeu que era a fada que presidira ao nascimento de D. Benedita: Meu nome é Veleidade, concluiu; e, com um suspiro, dispersou-se na noite e no silêncio. (ASSIS, 1994, p. 98).

2. ANÁLISE DA NARRATIVA

Na exposição, Machado de Assis apresenta, logo no início, a indefinição ou vaguidade que acompanharão a protagonista o tempo todo da história. Há indefinição até no nome, pois: Benedita (do Latim: *benedicta*) se presta a uma interpretação irônica, já que Benedita quer dizer bem-dita, abençoada, por conseguinte, feliz, o que o texto vai revelar que ela não é.

A exposição mostra o mundo familiar da protagonista- um moço e um rapaz- e abrange os quatro primeiros parágrafos, por meio dos quais são introduzidos os personagens presentes no jantar comemorativo dos 42 anos da referida senhora e que aparecerão em todas as páginas do conto. A exposição, longa, remete à verificação de que este conto tem 15 páginas e está dividido em quatro capítulos, como se fosse uma mininovela:

A coisa mais árdua do mundo, depois do ofício de governar, seria dizer a idade exata de D. Benedita. Uns davam-lhe quarenta anos, outros quarenta e cinco, alguns trinta e seis (...)
D. Benedita fez quarenta e dois anos no domingo, dezanove de setembro de 1869 (ASSIS, 1994, p. 80).

Pode ser considerado fecho dessa exposição o início do quinto parágrafo:

D. Benedita fala, como as suas visitas, mas não fala para todas, senão para uma, que está sentada ao pé dela. Essa é uma senhora gorda, simpática, muito risonha (...) (ASSIS, 1994, p. 81).

É, até aqui, a personagem mais abundantemente caracterizada fisicamente. E a exposição prolonga-se com as citações abaixo:

D. Benedita levantou-se, com a idéia de escrever uma carta ao marido, uma longa carta em que lhe narrasse a festa da véspera, nomeasse os convivas e os pratos (...) (ASSIS, 1994, p.83).

Por ser especialmente importante para a intriga do conto, cremos que pode situar-se como parte da exposição a descrição de como é D. Benedita, vista de corpo:

Convido a leitora a observar-lhe as feições. Vê-se que não lhe dou Vênus; também não lhe dou Medusa. Ao contrário de Medusa, nota-se-lhe o alisado simples do cabelo, preso sobre a nuca. Os olhos são vulgares, mas têm uma expressão bonachã. (...) Toda essa cabeça, que não entusiasma, nem repele, assenta-se sobre um corpo antes alto do que baixo, e não magro nem gordo mas fornido na proporção de estatura (ASSIS, 1994, p.84).

Era-lhe tão enfadonho escrever cartas compridas! Esta palavra, fecho do capítulo passado, explica a longa prostração de D. Benedita (...) (ASSIS, 1994, p. 88).

A viagem não se fez- por motivo supersticioso. D. Benedita, no domingo à noite, advertiu que o pacote seguiria na sexta-feira, e achou que o dia era mau (...). A verdade é que D. Benedita não foi, mas iria no terceiro pacote, a não ser um incidente que lhe trocou os planos (ASSIS, 1994, p. 94).

Este conto tem, bem marcadas, algumas características do estilo machadiano.

Uma delas, as intervenções no texto, fazendo, a seguir, a história continuar confirmando sua opinião. O próprio Machado confia que "se incumbe de preencher as lacunas e divulgar o escondido". Como observa: (D'Ambrosio, tomo 2, p. 122).

Para o desenvolvimento do conto são muitas as passagens que, acentuando a veleidade de D. Benedita no relacionamento com ela mesma e com a sociedade (filhos, amigos, etc.), vão aos poucos fixando o retrato dela, sobretudo o de sua alma, inquieta, presa da vaguidade e da indefinição:

A alegria dos convivas, a excelência do jantar, certas negociações matrimoniais incumbidas ao cônego Roxo, aqui presente, e das quais se falará mais abaixo, as boas qualidades da dona de casa, tudo isso dá à festa um caráter íntimo e feliz (ASSIS, 1994, p. 80).

O peru está comido. D. Maria dos Anjos faz um sinal ao filho; este levanta-se e pede que o acompanhem em um brinde (ASSIS, 1994, p. 81).

Observamos que o brinde, ao marido de D. Benedita, que está longe, quebra a alegria plena dos convivas, introduzindo um novo momento no clima da ficção, ironicamente dramático:

A assembléia não correspondeu vivamente ao brinde.(...) D. Benedita, não podendo conter-se, deixou rebentarem-lhe as lágrimas, levantou-se da mesa, retirou-se da sala (...). (ASSIS, 1994, p. 81; 82).
D. Benedita voltou nesse momento, pelo braço de D. Maria dos Anjos. Trazia um sorriso envergonhado (...). (ASSIS, 1994, p. 83).

O cônego, por sua parte, com o fim de apagar a lembrança do incidente, procurou generalizar a conversa, dando-lhe por assunto a eleição do melhor doce (ASSIS, 1994, p. 83).

Enquanto ela compõe os babadinhos e rendas do roupão branco, um roupão de cambraia que o desembargador lhe dera em 1862, no mesmo dia do aniversário, 19 de setembro, convido a leitora a observar-lhe as feições (...), o que vai introduzir a exclamação no parágrafo 7º :

Jesus! Dez horas!, que coloca o enredo na função de trazer ao leitor um afazer feminino, mas relevante para o conto, pois mostra como a protagonista se move continuamente, mudando de pensamento e de ação:

E, rápida, calçou a chinela, consertou depressa o punho do roupão, e dirigiu-se à escrivaninha, para começar a carta', interrompida pela chegada da filha: (ASSIS, 1994, p. 83; 84).

Na complicação da história, importa sobremaneira a visita de D. Maria dos Anjos:

Justamente nessa ocasião parava um carro à porta, apeava-se uma senhora, ouvia-se a campainha da escada, descia um moleque a abrir a cancela, e subia as escadas Dona Maria dos Anjos.

Vim sem esperar pela sua visita, só para mostrar que não gosto de cerimônias, e que entre nós deve haver a maior liberdade (...) (ASSIS, 1994, p. 86).

O diálogo das duas, recheado de carinho, apertos de mão e olhares quentes, sobretudo da parte de D. Benedita, é importante, pois vai acentuar em posterior passagem do conto como era mutável a atitude de D. Benedita no campo das relações afetivas:

Com este tempo! exclamou. Ah! isto é que é querer bem à gente(...) (ASSIS, 1994, p. 86).

Tudo isso vai desaparecer, como se nada tivesse existido antes.

Eulália já não estava na sala; D. Benedita correu a acabar a carta. Era tarde; não relatara o jantar da véspera, nem já agora podia fazê-lo Resumiu tudo (...) (ASSIS, 1994, p.87).

Machado de Assis é magistral ao conduzir esta narrativa com inúmeras mudanças de ambiente, sentimentos da protagonista, atos iniciados e não terminados, como a leitura de um livro.

Meia hora depois de cair no sofá, ergueu-se um pouco e percorreu o gabinete com os olhos, como procurando alguma coisa. Essa coisa era um livro. Achou o livro, e podia dizer achou os livros, pois nada menos de três estavam ali, dois abertos, um largado em certa página, todos em cadeiras. (...) (ASSIS, 1994, p. 88).

D. Benedita bocejou. Já não pensava na carta; pensava no colete que encomendara à Charavel, um colete de barbatanas mais moles do que o último. Não gostava de barbatanas duras; tinha o corpo muito sensível. (ASSIS, 1994, p. 89).

O desenvolvimento do conto com a visita do cônego:

Velho amigo daquela casa, na qual, além de trincar o peru nos dias solenes, como vimos, exercia o papel de conselheiro, e exercia -o com lealdade e amor. Eulália, principalmente, merecia-lhe muito (...) criou-lhe uma afeição paternal, tão paternal que tomara a peito casá-la bem, e nenhum noivo melhor que o Leandrinho, pensava o cônego. (...) (ASSIS, 1994, p. (89)).

Eulália, porém, não se deixa levar pelo cônego:

Era resoluto, tinha têmpera, podia resistir, e resistiu, declarando ao cônego, quando ele naquela noite lhe falou do Leandrinho, que absolutamente não queria casar: (ASSIS, 1994, p. 89).

Todo esse capítulo vai desenvolver-se em torno da recusa de Eulália, o assombro de D. Benedita com os termos da recusa, ela que já havia mandado carta ao marido, sobre o casamento.

- Já agora nem espero resposta do pai, concluiu; declaro-lhe que ela há de casar. (...)

- Devo dizer-lhe, ponderou o cônego, que D. Maria dos Anjos não deseja que se faça nada à força: (ASSIS, 1994, p. 90).

É em torno do casamento de Eulália, que gosta de outro, o incompreensível esfriamento da relação com D. Maria dos Anjos e a tentativa de viagem, que a história se desenvolve a seguir. E, após interferência do contista:

Que fazias tu, mãe cautelosa e ríspida, que não vinhas arrancar às mãos e à boca da filha um veneno tão sutil e mortal? (...) (ASSIS, 1994, p. 92).

Trata-se do retrato de um oficial de marinha. A seguir o autor revela mais um lance da flutuação de estado de espírito de D. Benedita, agora quanto a certas agruras do momento em sua vida:

O dia tinha-lhe saído mal, desde manhã. D. Benedita confessava, naquela doce intimidade da alma consigo mesma, que o jantar de D. Maria dos Anjos não prestara para nada, e que a própria amiga não estava provavelmente nos seus dias de costume. Tinha saudades, não sabia bem de que, e desejos, que ignorava. (...) (ASSIS, 1994, p. 92).

Resolveu ver o marido:

Iria por três meses somente, não era preciso levar muita coisa (ASSIS, 1994, p. 92).

Mas, não foi.

A viagem não se fez por um motivo supersticioso. Além disso tinha a filha inventado uma festa e uma amizade nova. A nova amizade era uma família do Andaraia: A festa não se sabe a que propósito foi, mas deve ter sido esplêndida, porque D. Benedita ainda falava dela três dias depois. Três dias! (ASSIS, 1994, p. 94).

O desenvolvimento do capítulo IV, no qual aparecem a nova amizade de D. Benedita, D. Petronilha, esposa do conselheiro Beltrão, e uma irmã dela, D. Maricota, e um oficial de marinha, 1º tenente Mascarenhas, que vai se tornar o marido de Eulália, tem esta opinião do contista, no primeiro parágrafo da página 95:

Um dos pontos mais obscuros desta curiosa história é a pressa com que as relações se travaram e os acontecimentos se sucederam. (ASSIS, 1994, p. 95).

Vê-se, então, que se trata de um desenvolvimento complicadíssimo, no qual não se pode deixar de mencionar que D. Benedita se torna efetivamente viúva, é cortejada, mais de uma vez, mas hesita diante dos pretendentes e é dessa passagem que surge o ponto mais verificável e concreto da veleidade da protagonista:

- Casarei? Não casarei? (ASSIS, 1994, p. 97).

E o epílogo do conto, no qual a própria Veleidade se apresenta à protagonista:

O clímax do conto:

Uma noite, volvendo D. Benedita este problema (casamento), à janela da casa de Botafogo, para onde se mudara desde alguns meses, viu um singular espetáculo. Primeiramente uma claridade opaca (...) (ASSIS, 1994, p. 98).

O desfecho ocorre no último parágrafo:

D. Benedita ficou aterrada, sem poder mexer-se; mas ainda teve força de perguntar à figura quem era. A figura achou um princípio de riso, mas perdeu-o logo; depois respondeu que era a fada que presidira ao nascimento de D. Benedita: meu nome é Veleidade, concluiu; e, como um suspiro, dispersou-se na noite e no silêncio. (ASSIS, 1994, p. 98).

Os personagens pertencem à classe média do Rio de Janeiro do século XIX.

D. Benedita é um tipo psicológico, mas temos também sua descrição física, à página 84. No entanto, com a leitura não se chega a avaliação inteira sobre ela: gorda? magra?, etc.. Apesar disso, em terminologia de análise literária, podemos considerá-la um personagem redondo, plenamente.

A filha merece um espaço e importância maiores no conto e é por meio dela que se instala parte substancial do conflito, a par da concreta veleidade da protagonista. Conta dezoito anos, "parece que ter vinte e um, tal é a severidade dos modos e das feições".

O filho participa minimamente do enredo e é, "no tamanho e nas maneiras, um tanto menino". Nesta história soberanamente de mulheres, não admira que ele praticamente não exista, nem fale, como acontece também com os dois moleques (um deles se chama José; descobre-se pela boca de Eulália) que aparecem por segundos no trecho. (Figuras menos que secundárias).

Cônego Roxo, trinchador do peru e pianista, mostra a importância do sacerdote_ a condição de cônego situa-se no primeiro degrau depois do padre_, no século XIX, para solenizar nascimento, festas, a própria morte.

D. Maria dos Anjos é a amiga, e serve também para mostrar como num Rio de Janeiro ainda semiprovinciano a grande distração das senhoras da classe média eram as visitas. Dela também se dá, brevemente esboçada, a descrição física.

Na página 82, todo o diálogo transcorre em torno do marido de D. Benedita, “um homem muito distinto, e ainda moço, forte, não terá mais de quarenta e cinco anos. Alto, barbado, bonito”.

D. Petronilha, D. Maricota: personagens secundários, planíssimos.

1º tenente Mascarenhas, “que o conselheiro Beltrão proclamou futuro almirante”, é um personagem plano, que vai, a partir da página 95, ser notável como genro de D. Benedita

Esses são os personagens que mantêm em todo o tempo a trama do conto.

O tempo cronológico é linear, tal qual o enredo.

O conto transcorre em cinco, seis meses, com a indefinição do seu penúltimo parágrafo do Conto:

Uma noite, volvendo D. Benedita este problema, à janela da casa do Botafogo (...) (ASSIS, 1994, p. 98).

A história se passa no Rio de Janeiro, quase toda no interior da residência de D. Benedita. Pouquíssimas idas à rua. Uma delas:

Depois do meio-dia, saíram para fazer encomendas, visitas, comprar as passagens (...) (ASSIS, 1994, p.93).

A maioria dos personagens atua como pessoas da classe média do Rio de Janeiro do século XIX, com todos os interesses casamento ajeitado, relações sociais de conveniência ou fingimento; apego à moda. Note-se que quase todos os personagens são mulheres, por isso mesmo o contista trabalhou com comportamentos sociais riquíssimos para serem observados.

A narração é feita na terceira pessoa. Neste caso, podemos ver em Machado de Assis, por vezes, um narrador “intruso”. E sabe-se que uma de suas marcas de contista é opinar, comentar algo com o leitor, interferindo na história que ele mesmo está narrando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Machado de Assis é um hábil analisador de almas.

Percebe-se, lendo seus textos, que sem essa qualidade ele não seria o Machado de Assis que revolucionou o romance brasileiro, em 1882, com *Memórias póstumas de Brás Cubas*, e que deixou para a Literatura brasileira a melhor coleção de contos já publicada no Brasil, com *Papéis Avulsos*, de 1881.

“D. Benedita”, sua veleidade, aparece, clara, sobretudo no relacionamento da personagem como Eulália, filha, e D. Maria dos Anjos, amiga. É de se notar que Machado não define a veleidade como marca especial da condição feminina.

Machado, até o final, como comenta L. Maretti, não afirma a veleidade de D. Benedita, mas sem dar-lhe nome a conduz como personagem do conto. E é assim que neste comentário, chamando-a por vezes de “D. Veleidade”.

O estilo tem as qualidades de Machado maduro, contido, pouco adjetivado. É de se notar que o início do escritor se deu no Romantismo, que ele transcendeu aos poucos, alçando a supremacia no romance e no conto.

Pode-se ver em “D. Benedita” um enredo só possível no Rio de Janeiro dos meados do século XIX, em que o autor caracteriza um encontro social de classe média, a importância que se dava à presença do homem religioso em reuniões de família, como se preparava um casamento.

“D. Benedita”, como propõe o crítico português Eugênio Gomes, pode ser vista como um símbolo.

É um dos contos mais analisados de Machado de Assis, que escreveu por volta de 200 trabalhos nesse gênero.

REFERÊNCIAS

MAGALHÃES Jr, Raimundo. **Idéias e Imagens de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955.

GOMES, Eugênio. **Machado de Assis- Contos**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1998.

ALMEIDA, Arlenice; D' AMBRÓSIO, Oscar; CARVALHO, Reginaldo. Pinto de. **A Supremacia do Conto**, Edição Comentada de Papéis Avulsos de Machado de Assis. São Paulo: Selinute Editora, 1994.

GANCHO, Cândida. Vilares. **Como analisar Narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

AGUIAR, Luiz.Antonio. **Almanaque Machado de Assis- Vida, Obra, Curiosidades e Bruxarias Literárias**. São Paulo- Rio de Janeiro: Editora Record. 2008.